

A FORMA CONTRA A NORMA: SOBRE O ENSAIO EM THEODOR ADORNO

MARIANA ANDRADE SANTOS¹

Resumo: Em o ensaio como forma, Theodor Adorno propõe a discussão do problema da forma de apresentação (Darstellung) da filosofia através de uma investigação sobre o ensaio. No desenvolvimento de seu escrito, que culmina na afirmação do ensaio como a forma por excelência da escrita filosófica, Adorno expõe críticas à postura positivista, ao método cartesiano e ao caráter totalizante dos sistemas filosóficos. Percebendo a relevância dessas críticas para o conjunto do pensamento de Adorno, propomos, no presente artigo, investigar O ensaio como forma evidenciando como a escrita ensaística se opõe à tradição filosófica.

Palavras-chave: Forma. Ensaio. Crítica. Sistema filosófico.

Abstract: In The essay as form, Theodor Adorno proposes the discussion about philosophy's form of presentation (Darstellung) problem, investigating the essay's form itself. In his writings development, which culminates into the affirmation of the essay as philosophical thinking form by excellence, Adorno criticizes the positivist posture, the Descartes's method and the philosophical systems totalizing trait. Acknowledging the importance of these criticisms for all Adorno's thought, we propose, in this paper, an investigation of The essay as form showing how the essayistic writing opposes the philosophy's tradition.

Keywords: Form. Essay. Criticism. Philosophical system.

“Método (Weg) é caminho indireto, é desvio (Unweg)”
Walter Benjamin

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). *E-mail:* mariana@andrade.la

INTRODUÇÃO

Os filósofos contemporâneos reivindicaram para a filosofia a atividade essencial da reflexão autocrítica. A crítica da razão e a crítica à modernidade trouxeram à tona a necessidade desse exercício autocrítico do pensar filosófico. Uma das questões que foram postas diz respeito às relações recíprocas entre pensamento e linguagem. Nesse sentido, a reflexão sobre o seu próprio discurso, sobre a forma de apresentação da filosofia, torna-se fundamental e desemboca, por sua vez, na discussão sobre as relações entre filosofia e literatura.

Theodor Adorno foi um desses filósofos contemporâneos que insistiram na necessidade da filosofia pensar sobre sua própria forma de exposição. Adorno propõe a discussão do problema da forma de apresentação da filosofia através de uma investigação sobre o ensaio no seu texto *O ensaio como forma*. O filósofo da Escola de Frankfurt desenvolve observações sobre as particularidades da forma ensaística, evidenciando a maneira como as mesmas se relacionam com o pensamento filosófico. No desenvolvimento de seu escrito, que culmina na afirmação do ensaio como a forma por excelência do pensamento filosófico, Adorno expõe críticas à postura positivista, ao método cartesiano e ao caráter totalizante dos sistemas filosóficos.

Interessa-nos, pois, investigar as fronteiras entre filosofia e literatura e o modo como Adorno relaciona a autorreflexão da atividade filosófica com a escrita ensaística. Por esta razão, o presente trabalho propõe uma investigação das observações que Adorno faz em *O ensaio como forma*. No presente artigo abordaremos as críticas à ideia de totalidade e aos sistemas filosóficos e o modo como estas críticas estão relacionadas à crítica adorniana da razão e da identidade. Estas críticas compõem a oposição da ensaística de Adorno em relação à tradição sistemática consolidada na história da filosofia.

CRÍTICA À RAZÃO, TOTALIDADE E SISTEMA

As observações de Adorno em *O ensaio como forma*², evidenciam o caráter linguístico da filosofia e sua própria forma de apresentação (*Darstellung*)³. A reflexão sobre as formas literárias de exposição da filosofia denuncia uma concepção dogmática que sustenta a possibilidade de separação entre as dimensões de forma e conteúdo, isto é, entre a forma de exposição e o pensamento filosófico. Nesse sentido, argumenta Jeanne Marie Gagnebin (2006, p. 202) que:

a afirmação implícita da existência de uma concepção “meramente metafórica” ou “meramente retórica” repousa em uma concepção acrítica, dogmática, e mesmo trivial das relações entre pensamento e linguagem: como se o pensamento elaborasse a si mesmo numa altivez soberana sem tatear na temporalidade das palavras que, no entanto, o constitui.

Essa concepção dogmática está escondida no interior da partilha, histórica e socialmente consolidada, dos vários tipos de saberes. Na concepção que sustenta essa partilha, duas imagens se opõem: a da filosofia com seus pensamentos abstratos e complicados, com seus filósofos que sabem pensar, mas não sabem expor seus pensamentos de maneira compreensível em oposição à literatura como uma forma linguística apurada, mas que necessita de uma apropriação dos conteúdos da filosofia. Essas caricaturas, segundo aponta Gagnebin (2006), demonstram essa posição acrítica que desconsidera as ambiguidades presentes no discurso filosófico, ao colocar de lado as relações profundas entre a forma de apresentação da filosofia e a elaboração do conhecimento no discurso filosófico. Ao se colocar o problema de sua própria forma de exposição, a filosofia reflete não só sobre questões hermenêuticas como também sobre questões que abrangem a problemática das especificidades da filosofia enquanto gênero discursivo. A história da filosofia nos mostra a busca da filosofia por um lugar enquanto gênero discursivo próprio. Evidencia, também, a diversidade das formas literárias da

² O texto possui duas traduções para o português. Apesar da qualidade das duas traduções, optamos por trabalharmos com a tradução de Jorge de Almeida (ADORNO, 2003, p. 15-45) pela maior fluidez presente em seu texto. Parece-nos que Almeida, procura, através de um apurado e cuidadoso trabalho, preservar a fluidez do texto original de Adorno em sua tradução.

³ Jeanne-Marie Gagnebin discute a tradução e sentido da palavra *Darstellung* e aponta que o termo deve ser traduzido por apresentação ou exposição, afastando a opção de traduzi-la por representação, como fazem alguns comentadores e tradutores. Segundo Gagnebin, o verbo *darstellen* pode significar representar, mas esse sentido não é cabível ao contexto da escrita filosófica em que Adorno e Benjamin utilizaram o termo. É preferível, portanto, traduzir o verbo *darstellen* por apresentar ou expor, ressaltando a proximidade semântica com a palavra *Ausstellung* (exposição de arte). Cf. GAGNEBIN, 2005a, p. 184.

filosofia: diálogo, tratado, aforismo e ensaio são algumas das formas utilizadas pelos filósofos.

*O ensaio como forma*⁴ é parte de uma coletânea de escritos publicada com o nome *Notas de Literatura* e inicia o primeiro dos quatro volumes desse conjunto de ensaios. Os três primeiros volumes foram publicados a partir de 1958 e o último publicado postumamente em 1974. O texto se destaca entre os outros ensaios que compõem a obra: analogamente podemos dizer que *O ensaio como forma* é a nota mais grave que dá forma ao acorde ressonante de Adorno, fazendo alusão à referência musical do título de sua obra⁵. Adorno inicia o seu texto expondo a ausência de reconhecimento da forma ensaísta na Alemanha. O ensaio considerado como forma de exposição ilegítima é excluído das formas consagradas que compõem o âmbito acadêmico⁶. Segundo Adorno, apoiando-se em Lukács⁷, o ensaio não trilhou o caminho que o levaria à conquista da sua autonomia e reconhecimento. Uma vez que o ensaio não se submete à rigidez do modelo da ciência organizada, diz o filósofo, é considerado como uma forma imprópria para a exposição de qualquer conhecimento com pretensão de objetividade e legitimidade. O ensaio, nesse sentido, ainda precisa lutar para conseguir seu espaço e consolidar-se entre as formas de exposição do conhecimento. Para entender a razão do preconceito que julga o ensaio como uma forma impura para a

⁴ O primeiro volume dos quatro que compõem a obra de Adorno foi publicado pela Editora 34 em 2003, com tradução para o português de Jorge de Almeida. Além dessa publicação na íntegra do primeiro volume, há também uma seleção das notas que foi publicada em 1973 pela Tempo Brasileiro, tradução de Celeste Galeão e Idalina Silva.

⁵ No original em alemão *Noten zur Literatur*. A palavra *Noten* presente no título da obra possui o significado, também, de partitura e notas musicais. O tradutor Jorge de Almeida aponta essa ambiguidade presente no título e descreve os ensaios reunidos nessa obra de Adorno como portadores de uma fluência quase musical, lembrando, todavia, que essa característica não implica em descuido conceitual. É importante lembrarmos, também, da formação musical do filósofo, que se dedicou aos estudos de música clássica desde a infância. Desse modo, é possível clarear a compreensão do jogo de palavras presente no título de sua obra. Cf. ALMEIDA, Jorge de. 2003, p. 8.

⁶ Entre os ensaístas, que apesar da inteligência e relevância de seus escritos, foram excluídos do âmbito acadêmico, Adorno cita como via de exemplo, os nomes de Simmel, Lukács, Kassner e Benjamin. Cf. ADORNO, 2003, p. 15-16. É importante ressaltar a referência de Adorno a Benjamin, já que mais adiante em seu texto o filósofo voltará a discutir as qualidades de Benjamin enquanto ensaísta. No decorrer desse trabalho nos aprofundaremos na relação entre Benjamin e o ensaio, com base nas observações posteriores de Adorno.

⁷ Adorno faz referência à obra *A alma e as formas* de Lukács escrito em 1910. Os primeiros parágrafos do texto de Adorno são marcados pelas referências e pelo diálogo com as observações que o jovem filósofo húngaro faz sobre a forma do ensaio no prefácio de seu livro. Cf. ADORNO, 2003, p. 15-18.

expressão do pensamento, Adorno investiga algumas características dessa forma de apresentação.

A primeira das características elencadas pelo filósofo é a sua não pretensão de originalidade. O ensaio, diz Adorno (2003, p.16-17), fala sobre objetos específicos já culturalmente pré-formados sem pretender forjar uma originalidade, isto é, o ensaio não fala das coisas como criações a partir do nada, mas sim reflete sobre aquilo que já foi dito. Adorno utiliza uma analogia para evidenciar essa característica do ensaio: o ensaio é comparado a uma criança que não se envergonha de se encantar com o que os outros já fizeram. Os modelos acadêmicos e científicos pregam a necessidade dessa pretensa originalidade para o conhecimento e o ensaio não se dobra a essa exigência. Diz Adorno (2003, p. 16): “A corporação acadêmica só tolera como filosofia o que se veste com a dignidade do universal, do permanente, e hoje em dia, se possível, com a dignidade do ‘originário’. [...] O ensaio, porém, não admite que seu âmbito de competência lhe seja prescrito”. A ciência admite como filosofia a investigação de objetos particulares somente se estes puderem ser utilizados para exemplificar categorias universais. O ensaio não aceita essa redução, recusando a pretensão de universalidade bem como a pretensão de originalidade.

O ensaio rejeita as ideais de objetividade e interpretação tal como estes são entendidos pelo modelo científico, lançando-se na tarefa de penetrar a suposta objetividade e simplicidade dos conteúdos e dedica-se, sem receios, ao esforço interpretativo que é considerado infrutífero pela ciência. A interpretação torna-se, desse modo, uma tarefa primordial para o ensaio. As investigações do ensaio não se resignam aquilo que está simplesmente dito e por isso a tarefa interpretativa que o ensaio toma para si é acusada de superinterpretação pelas ciências. Nesse sentido, Adorno (2003, p. 17) afirma que:

ele [o ensaio] não começa com Adão e Eva, mas com aquilo sobre o que deseja falar; diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde sente ter chegado ao fim, não onde não resta nada mais a dizer: ocupa, desse modo um lugar entre os despropósitos. Seus conceitos não são construídos a partir de um princípio primeiro, nem convergem para um fim último. Suas interpretações não são filologicamente rígidas e ponderadas, são por princípio superinterpretações, segundo o veredicto já automatizado daquele intelecto vigilante que se põe a serviço da estupidez como um cão-de-guarda contra o espírito.

O ensaio investiga, através de seu esforço interpretativo, aquelas lacunas deixadas pelas ciências, uma vez que estas julgam não haver nada para explicar e, portanto, como infrutífero qualquer tentativa de interpretação. O ensaio alarga o sentido de compreender, não o reduzindo as tarefas de ordenar e classificar, como fazem as ciências, buscando ir além do conteúdo objetivo dado. O esforço interpretativo ensaísta busca a espontaneidade da fantasia subjetiva que é condenada em vista da simplificação dos conteúdos realizada pelas ciências, em nome de uma pretensa objetividade. O ensaio, desse modo, rejeita as regras impostas pela ciência do mesmo modo que recusa a pretensão totalizante dos sistemas filosóficos. No trecho supracitado, Adorno evidencia o modo como o ensaio não é fundado em uma estrutura fechada e filologicamente estruturada como são os sistemas filosóficos.

Pela insubmissão do ensaio ao modelo científico e ao modelo sistêmico, ele apresenta uma autonomia estética que possui muito em comum com a autonomia das artes. Adorno passa, então, a discutir o problema da autonomia da forma do ensaio; essa questão foi discutida por Lukács em sua obra e Adorno retoma o problema em *O ensaio como forma*. Adorno discorda da posição tomada pelo filósofo húngaro, ao afirmar o ensaio como uma forma artística. A autonomia do ensaio assemelha-se à autonomia da obra de arte, porém, o ensaio não pode ser confundido com uma forma artística. Para Adorno (2003, p. 18) o ensaio não pode assim ser entendido uma vez que “[...] se diferencia da arte tanto por seu meio específico, os conceitos, quanto por sua pretensão à verdade desprovida de aparência estética”. Segundo o filósofo, o erro de Lukács foi ter desprezado as especificidades do ensaio ao defini-lo como uma forma de arte. Assim como Adorno recusa o posicionamento de Lukács, recusa o que está em seu extremo oposto: o cientificismo da corrente positivista.

O positivismo lógico defende que a forma de exposição atrapalha a objetividade dos conteúdos. A posição positivista entende a forma como uma ameaça à pureza do conteúdo e, nesse sentido, a verdade seria o resultado da retirada do sujeito e de qualquer impulso de expressão, já que com essa subtração remove-se aquilo que são as características acidentais. Aquilo que sobra com a eliminação da forma é uma pura objetividade e ela deve ser buscada enquanto verdade, afirma o positivismo. O conteúdo deve ser indiferente de sua forma de

exposição e o ideal é uma justa e segura distância entre a forma de apresentação e o próprio objeto, essa é a pretensão do positivismo. Sobre esse posicionamento positivista Adorno (2003, p. 19) escreve que:

para o instinto do purismo científico, qualquer impulso presente na exposição ameaça uma objetividade que supostamente afloraria após a eliminação do sujeito, colocando também em risco a própria integridade do objeto, que seria tanto mais sólida quanto menos contasse com o apoio da forma, ainda que esta tenha como norma justamente apresentar o objeto de modo puro e sem adendos.

A crítica de Adorno ao positivismo tem como alvo a intenção dessa corrente de operar uma divisão entre forma e conteúdo. Para ele, o positivismo incorre em um erro grave ao desconsiderar as relações profundas entre pensamento e linguagem. Para Adorno (1995b, p. 23), “[...] como a disciplina do pensamento filosófico se realiza, antes de mais nada, na formulação do problema, na filosofia, a exposição é um momento imprescindível da coisa”. Na passagem citada, Adorno evidencia o caráter de linguagem do pensamento filosófico. Para o filósofo frankfurtiano, é errôneo afirmar a forma como exterior ao conteúdo. Essa postura faz do espírito científico acadêmico portador de uma ordem repressora, aproximando-se do espírito dogmático. Na sequência, Adorno aponta para mais uma característica do ensaio, dentre as muitas elencadas pelo filósofo ao longo do escrito: a liberdade de espírito que a forma do ensaio exige. Paradoxalmente, aponta Adorno (2003, p. 19), a rigidez do método científico estabelecido acabou por fazer das ciências do espírito um campo para aqueles desprovidos de espírito. O ensaio, por sua natureza e características, exige o espaço, negado pela ciência, para a liberdade do pensamento. Por essa razão o ensaio é, segundo Adorno, a forma de exposição que melhor consegue dizer o pensamento filosófico.

Para Adorno (2003, p. 24-25), uma das características fundamentais do ensaio é a sua postura crítica diante da ideia de sistema. Dessa crítica deriva-se a posição do ensaio diante do procedimento científico e do método. Na história do pensamento, diz o filósofo, o ensaio foi um dos poucos que ousou colocar em dúvida o direito, sempre tido como incondicional, do método. Na sequência, Adorno nos fala da doutrina empirista, evidenciando como essa doutrina permanece respondendo às exigências do método e do sistema. Segundo Adorno, no empirismo a primazia é retirada da rígida ordem conceitual, tal como na

tradição racionalista, e deslocada para a experiência aberta e não antecipável. Entretanto, a doutrina empirista permanece sistemática já que define as condições para o conhecimento, condições estas que devem ser constantes e criar um contexto homogêneo. O ensaio, por sua vez, rebela-se contra a ideia de sistema, já que ele possui a consciência da não-identidade. Por isso, o ensaio procura acentuar o seu caráter fragmentário e parcial em oposição à pretensão de totalidade dos sistemas filosóficos. A forma do ensaio renuncia ao método de organização científica e através desse abandono denuncia a violência da abstração dando voz àquilo que sobra da pretensão totalizante.

Em *O ensaio como forma* Adorno desenvolve muitas ideias já esboçadas em textos anteriores. Sua aula inaugural na Universidade de Frankfurt, publicada postumamente com o título *A atualidade da filosofia*, antecipa alguns temas da obra que antecede e anuncia muito do que está por vir, como um consonante prelúdio do filósofo-músico. Adorno (2010, p.1) inicia sua aula afirmando a impossibilidade de apreensão da totalidade do real, dizendo que:

quem hoje em dia escolhe o trabalho filosófico como profissão, deve, de início, abandonar a ilusão de que partiam antigamente os projetos filosóficos: que é possível, pela capacidade do pensamento, se apoderar da totalidade do real. [...] Ela [a plenitude do real como totalidade] se perdeu para a filosofia e, com ela, sua pretensão de atingir a totalidade real, na origem. A história da filosofia presta testemunho disso. A crise do idealismo é equivalente à crise da pretensão filosófica de totalidade.

92

Diante dessa intransponível barreira, a filosofia contemporânea deve abandonar a pretensão de abarcar a totalidade através dos sistemas filosóficos. Essa pretensão revela o ambicioso projeto moderno que foi movido pela crença na razão⁸. Adorno, em *O ensaio como forma*, renuncia a aspiração da modernidade e, em oposição aos tratados filosóficos, afirma o ensaio como forma para a apresentação do pensamento filosófico.

O ensaio, afirma Adorno, se recusa a atribuir maior dignidade ontológica ao resultado de uma abstração, isto é, a um conceito invariável no tempo, do que àquilo que é individual e coagido pelo modo de proceder da abstração. Para

⁸ Para melhor compreendermos a crítica à razão e à modernidade no pensamento de Adorno, procuraremos investigar o modo como estas críticas são expostas pelo filósofo na obra *Dialética do Esclarecimento* de 1947.

Adorno a afirmação de que a ordem das coisas obedece à ordem dos conceitos⁹ é firmada no erro de designar como não mediado algo que é mediado. Assim como não é possível pensar alguma coisa de forma estritamente factual, uma vez que pensá-la já significa concebê-la, também não é possível pensar em um conceito, mesmo que seja o mais puro dos conceitos, sem alguma referência à facticidade. O ensaio coloca a experiência em um lugar privilegiado, lugar este negado pela história da filosofia, uma vez que a tradição legou importância às categorias do pensamento em detrimento da experiência. A experiência, entretanto, é entendida através de sua relação com a história: a experiência individual é concebida por sua relação mediada com a história da humanidade. Adorno critica, portanto, a postura da ideologia individualista que insiste no erro de afirmar que a experiência histórica da humanidade é medida em oposição à experiência individual tomada como imediata.

Dessa maneira, segundo Adorno (2003, p. 25.), o ensaio não tem a pretensão de ser uma construção fechada, uma vez que uma ordem fechada, sem lacunas, não corresponde à ordem real das coisas. O ensaio, portanto, caracteriza-se por não seguir as regras da ciência e da teoria organizadas. São essas características que fazem com que o ensaio se oponha, tão enfaticamente, à presunção totalizante dos sistemas filosóficos. Adorno (2003, p. 25) afirma “como a ordem dos conceitos, uma ordem sem lacunas, não equivale ao que existe, o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva.” Nesse sentido, o ensaio renuncia à maneira de proceder dos sistemas filosóficos e abandona as regras metodológicas estabelecidas por Descartes, em seu *Discurso do Método*.

As críticas, presentes na *Dialética do Esclarecimento*, à instrumentalidade da razão ocidental e ao conceito de identidade contribuem para o entendimento da crítica de Adorno ao caráter totalitário dos sistemas filosóficos, presente em *O ensaio como forma*. Segundo Adorno e Horkheimer (2006, p. 32):

o esclarecimento é totalitário como qualquer outro sistema. Sua inverdade não está naquilo que seus inimigos românticos sempre lhe censuram: o método analítico, o retorno aos elementos, a decomposição pela reflexão, mas sim no fato de que para ele o processo já está decidido de antemão.

⁹ Adorno alude a proposição 7 da parte 2 da obra *Ética* de 1677, em que Spinoza afirma a correspondência ou paralelismo entre a ordem das ideias (*ordo idearum*) e a ordem das coisas (*ordo rerum*).

Os sistemas filosóficos são uma manifestação da força objetivante e dominadora própria da razão. A razão, por sua vez, opera por meio do princípio de identidade. A razão, segundo o filósofo, só apreende aquilo que se apresenta como identidade, isto é, a força da abstração age através da aniquilação das diferenças. É nesse sentido que as críticas de Adorno aos sistemas filosóficos recaem, por consequência, nas críticas à razão e à identidade. A crítica à modernidade, na obra de Adorno escrita juntamente com Horkheimer, aparece como crítica à razão instrumental que se torna totalitária no interior do próprio projeto de emancipação iluminista. Os filósofos denunciam que o processo do esclarecimento é um processo de dominação. Dizem Adorno e Horkheimer (2006, p.20) que:

o esclarecimento só reconhece como ser e acontecer o que se deixa captar pela unidade. Seu ideal é o sistema do qual se pode deduzir toda e cada coisa. A multiplicidade das figuras se reduz à posição e à ordem, a história ao fato e as coisas à matéria. Para o esclarecimento aquilo que não se reduz a números, e, por fim, ao uno passa a ser ilusão.

Nesse procedimento da razão, o outro é destruído. Ao liquidar o outro, a razão universaliza o particular. Através desse processo totalizante, a razão domina o particular, transformando-o em pura identidade. Adorno e Horkheimer (2006, p. 33) evidenciam o modo de proceder da razão ao desmascarar o processo de objetificação da natureza. O homem leva para a natureza a racionalidade formal, e a natureza fica reduzida ao número e à quantidade. A dominação do mundo se dá através da imposição da ordem científica e lógica à natureza, a matemática é proclamada “a linguagem da natureza”. Aquilo que não se expressa matematicamente, não existe. Nesse processo, o que não é passível de mensuração é descartado. O princípio do esclarecimento é totalitário já que ele não convive com o diferente, com o outro. O diferente é ignorado, é dado como inexistente. O saber da modernidade é o saber técnico, o esclarecimento se transforma em técnica e em mera eficácia e utilidade. Na marcha da modernidade, o pensamento se automatiza, se coisifica, transformando-se em mero instrumento, e a razão se transforma em razão instrumental. Afirma Gagnebin (2005b, p. 109-110) que:

a luz branca da razão, do esclarecimento, transforma-se na luz escura devoradora da onipotência: ao querer se livrar do medo pelo domínio total (e totalitário) sobre o real, a razão do esclarecimento não pode mais tolerar nada que lhe escapa, nem deuses, nem estrelas, nem sonhos. O esclarecimento precisa controlar tudo para se sentir seguro. Ao tentar isso, cai num processo de coerção tão ameaçador como o cego instinto mítico.

Nessa dialética do esclarecimento, o próprio esforço de totalização mostra o seu contrário. Essas contradições podem ser vistas através de pequenas rachaduras que aparecem no monumento da razão. O ensaio é capaz de desvelar essas fissuras que refletem as contradições da razão, uma vez que, nas palavras de Adorno (2010, p. 16) “o espírito não é capaz de produzir ou compreender a totalidade do real: mas ele é capaz de irromper-se no pequeno, de fazer saltar no pequeno as medidas do meramente existente”.

Adorno afirma que o ensaio, por natureza e características, assim como recusa a ideia tradicional de verdade também suspende o conceito tradicional de método. Em sua crítica à razão instrumental e ao esclarecimento, Adorno mostra que o modo de operar através da abstração totalizante e identificante pressupõe um distanciamento na relação entre sujeito e objeto. Para Adorno e Horkheimer (2006, p. 20), “[...] a distância do sujeito com relação ao objeto, que é o pressuposto da abstração, está fundada na distância com relação à coisa, que o senhor conquista através do dominado.” A razão, portanto, opera colocando-se a uma distância em relação à coisa. O ensaio recusa esse modo de proceder da razão lógico-discursiva, ele tira suas reflexões da própria complexidade do objeto. O movimento de aproximação do objeto próprio do ensaio o liberta das pretensões da Filosofia da Identidade. O ensaio não aceita a afirmação da identidade entre o pensamento e a coisa, recusando-se a operar através de uma simplificação dominadora do objeto. Segundo Adorno (1995a, p. 194), “o esforço do conhecimento é, preponderantemente, a destruição de seu esforço habitual, a violência contra o objeto. Seu conhecimento aproxima-se do ato quando o sujeito rasga o véu que tece em torno do objeto.” O ensaio, portanto, não coage o objeto a reduzir-se à ordem conceitual-lógica. O ensaio, ao contrário, está vinculado às coisas, ele se aprofunda no objeto e é dessa experiência que ele é expressão. Adorno (2003, p. 27) diz que “o pensamento é profundo por se aprofundar em seu objeto, e não pela profundidade com que é capaz de reduzi-lo a uma outra coisa.” É

nesse sentido, portanto, que o filósofo afirma que o ensaio se relaciona de maneira diferente com o objeto. O ensaio não retira a profundidade de suas investigações pela dominação do objeto, mas através de uma tentativa contínua de aproximação. A escrita ensaística se debruça sobre o objeto e retira suas reflexões da sua relação com ele, através de uma aproximação entre o pensamento e o objeto, por isso o ensaio é fragmentário na mesma medida que a realidade o é. O ensaio fala através de fragmentos, já que ele se move através de interrupções e desvios, criando uma forma de exposição marcada pela abertura e pela incompletude. Diferentemente do ensaio, os sistemas filosóficos ambicionam dar conta e se apoderar do objeto, sustentados pela crença de obter a totalidade da realidade. Os sistemas filosóficos operam por meio de uma redução simplificadora do real, redução esta que possibilita a dominação do objeto, através da força da razão.

Entre as muitas características que compõem o ensaio, apontadas pelo filósofo ao longo do *O ensaio como forma*, está a de que o ensaio se recusa a proceder através da definição de conceitos. Para Adorno (2003, p. 28), “assim como o ensaio renega os dados primordiais, também se recusa a definir seus conceitos”. O filósofo afirma que apesar da história da filosofia ter se mostrado capaz de fazer uma crítica completa da definição¹⁰, a ciência nunca trouxe para seu território essa crítica. As ciências particulares continuam abarcando para si a tarefa pré-crítica de definição de conceitos. Segundo Adorno, Kant, desviando-se da influência da filosofia escolástica no pensamento moderno, já havia substituído as definições verbais pela concepção dos conceitos a partir dos processos em que são gerados. Adorno denuncia que a ciência, entretanto, parece ignorar essas questões discutidas ao longo da história da filosofia. Para Adorno os neopositivistas aproximam-se do pensamento escolástico na medida em que consideram o método científico como sinônimo de filosofia. O ensaio, entretanto, coloca em evidência que os conceitos não se tornam mais precisos através do exercício de suas definições, mas sim pelas relações que eles possuem entre si.

O ensaio, uma vez que recusa os ideais de totalidade e criação, não se desenvolve através de definições dos conceitos. Sobre esta recusa, Adorno (2003, p. 29) diz que:

¹⁰ Adorno aponta que esta crítica estava presente, apesar de aparecer sob aspectos bastante diferentes, nos pensamentos de Kant, Hegel e Nietzsche. Cf. ADORNO, 2003, p. 28.

na verdade, todos os conceitos já estão implicitamente concretizados pela linguagem em que se encontram. O ensaio parte dessas significações e, por ser ele próprio essencialmente linguagem, leva-as adiante; ele gostaria de auxiliar o relacionamento da linguagem com os conceitos, acolhendo-os na reflexão tal como já se encontravam inconscientemente denominados na linguagem.

O impulso antissistemático ensaístico recusa tratar o conceito como uma tábula rasa, do mesmo modo como fazem as ciências; uma vez que, segundo Adorno, estas se apoiam na concepção de conceito como algo que precisa de definição para ser determinado, para afirmar a pretensa autoridade dos conhecimentos que produz. Para Adorno, os conceitos, enquanto linguagem, já carregam significações implícitas e concretizadas. O ensaio, diferentemente da ciência, parte dessas significações, resgatando assim o caráter de linguagem do conceito. O ensaio denuncia que a exigência de definições estritas é utilizada para eliminar o aspecto das coisas que está presente nos conceitos, já que este aspecto cria dificuldades para qualquer tentativa de fixação dos significados conceituais, procedimento através do qual se fundam os sistemas filosóficos.

Adorno afirma que o ensaio necessita dos conceitos universais e, por isso, não pode tratá-los de maneira arbitrária. E é justamente porque o ensaio não abre mão da linguagem discursiva e do trabalho com os conceitos, que a exposição torna-se tão fundamental para essa forma. Diz Adorno (2003, p. 29) que:

a exposição é, por isso, mais importante para o ensaio do que para os procedimentos que, separando o método do objeto, são indiferentes à exposição de seus conteúdos objetivados. O ‘como’ da expressão deve salvar a precisão sacrificada pela renúncia a delimitação do objeto, sem todavia abandonar a coisa ao arbítrio de significados conceituais decretados de maneira definitiva. Nisso, Benjamin foi o mestre insuperável.

O ensaio não aceita a separação entre método e objeto, que faz com que a exposição seja considerada como questão menor. No ensaio é o “como” da expressão que impede que a coisa seja reduzida a significados conceituais decretados de maneira definitiva e fornece a precisão que o ensaio necessita, já que ele recusa proceder através da delimitação do objeto, como fazem os sistemas. Essa precisão é fruto, no ensaio, da interação recíproca entre os seus conceitos no processo da experiência intelectual. A imagem que Adorno evoca é a de um tapete, em que os pontos ou nós que o constituem são como os vários momentos do pensamento que se entrelaçam. O pensador que consegue fazer de si mesmo palco

dessa experiência, sem tentar desemaranhá-la, é aquele que está mais próximo dessa verdadeira experiência intelectual. O pensamento tradicional guarda vestígios dessa experiência, mas por conta da sua forma de exposição, acaba eliminando a memória dessa experiência. Adorno faz menção a Benjamin como aquele pensador que, entre todos os filósofos, foi o mais fiel a esta experiência intelectual que fornece precisão ao pensamento filosófico expressado pelo ensaio. Sobre Benjamin, Adorno (1986b, p. 198) afirma:

ele não dava a impressão de ser alguém que criava a verdade ou a adquiria ao pensar, mas que a citava pelo pensamento como um refinado instrumento de conhecimento, no qual ela imprimia a sua marca. Nada tinha do filosofar segundo o padrão tradicional. [...] Movia-o o impulso de romper uma lógica que se limita a encobrir o particular na teia geral, ou que só abstrai o geral do particular.

Segundo Adorno, na experiência intelectual, os conceitos não formam uma ordem contínua de operações, isto é, o pensamento não avança em um sentido único. É nesse sentido que Adorno (1986b, p. 198) afirma que “já no seu ponto de partida, o seu pensamento se impede de alcançar 'êxito' de uma coerência sem falhas, passando a converter o fragmentário em princípio”. O pensamento de Benjamin, para Adorno, carrega a marca do caminho desviante que é próprio do pensamento e da experiência intelectual genuína.

Em seu texto, *Caracterização de Walter Benjamin*, o filósofo elenca alguns traços do pensamento de Benjamin que evidenciam essa posição de ensaísta por excelência. Para Adorno, Benjamin apresenta uma forma de olhar e experimentar o objeto que é própria do ensaio. O olhar de Benjamin para o objeto é um olhar que aproxima o pensamento da coisa, fazendo crescer os detalhes mais ínfimos da coisa mesma. O olhar é tão aproximador e minucioso que é capaz de causar um estranhamento da imagem do objeto. Sobre o que o filósofo chama de “método microscópico e fragmentário” (ADORNO, 1986b, p. 195) de Benjamin, Adorno (1986b, p. 199) afirma que:

o pensamento adere e se aferra na coisa como se quisesse transformar-se num cheirar, num saborear. Por força de tal sensorialidade de segundo grau, espera penetrar nas artérias do ouro que nenhum processo classificatório alcança, sem, no entanto, entregar-se por isso ao acaso da cega intuição sensível. [...] O

pensamento deve alcançar a densidade da experiência sem, contudo, renunciar em nada ao seu rigor.

O ensaio é, para Adorno, capaz de expressar um filosofar diferente daquele tradicionalmente consolidado na história da filosofia. A defesa da forma ensaística é, nesse sentido, a defesa adorniana de uma outra forma de fazer filosofia. Wiggershaus (2002, p. 572) caracteriza esse exercício filosófico almejado por Adorno como “uma filosofia que aumentasse a racionalidade do sujeito conhecedor até torná-lo sensível às estruturas das coisas, uma filosofia para a qual o aumento da racionalidade significasse a capacidade de captar a racionalidade das coisas”. Essa racionalidade formadora da filosofia que Adorno defende possui as características evidenciadas pelo filósofo na escrita de Benjamin. Benjamin foi um dos filósofos que priorizou, em seu pensamento, a importância da forma de apresentação do discurso filosófico e sua obra questiona os limites entre filosofia e literatura. É neste sentido, portanto, que devemos entender a referência a Benjamin, em *O ensaio como forma*: ela é um dos indícios que confirmam a influência do pensamento de Benjamin nas reflexões de Adorno sobre o ensaio.

O ensaio, diferentemente do pensamento produzido pelos sistemas tradicionais da filosofia, escolhe para si essa experiência intelectual como modelo: não simplesmente quer imitá-la, mas a elege como modelo da sua própria organização conceitual. Por isso, conclui Adorno (2003, p. 30) que “o ensaio procede, por assim dizer, metodologicamente sem método”. O caráter paradoxal e obscuro dessa afirmação nos remete a outra passagem em que Adorno (2003, p. 25) afirma que o ensaio “é radical no não-radicalismo, ao se abster de qualquer redução a um princípio e ao acentuar, em seu caráter fragmentário, o parcial diante do total”. Essas passagens evidenciam a dificuldade da tarefa que o ensaio toma para si, em relação à qual Barbosa (2006, p. 371) afirma que:

os enunciados paradoxais de Adorno não são simples rebeldia. As dificuldades de uma filosofia negativa da origem se expressam plenamente em enunciados como estes. [...] O ensaio faz da contradição o seu próprio *médium* e da ausência de síntese de uma dialética negativa uma virtude.

É preciso, pois, entender estas passagens de Adorno não como dotadas de uma obscuridade gratuita, mas sim como portadoras de uma

dificuldade que é inerente à própria forma do ensaio uma vez que este quer ser expressão da complexidade própria da experiência intelectual. As dificuldades que se põem à tarefa que pretende o ensaio são muitas, uma vez que ele não se dobra à facilidade da simplificação e da dominação do real como fizeram os sistemas filosóficos tradicionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos de Adorno são acusados, por vezes, de uma obscuridade gratuita e são notadamente reconhecidos pela dificuldade de sua leitura. O esforço de dizer a filosofia é evidente em seus textos, o esforço filosófico de dizer através dos conceitos o que justamente está além da linguagem conceitual. Isto porque Adorno almeja uma prática filosófica que não se resigne e nem mascare sua impossibilidade: a filosofia de Adorno move-se a partir de sua própria impossibilidade. A filosofia vê-se obrigada a encarar sua própria negatividade e fazer dela elemento para sua própria expressão. Nesse sentido, talvez *O ensaio como forma* nos indique um possível caminho para a leitura de seus textos: encará-los como expressão de tentativas contínuas de um esforço de aproximação do não-idêntico.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor Wiesengrund.. O ensaio como forma. In: **Notas de Literatura**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. p. 15-46.
- _____. Caracterização de Walter Benjamin. In: **Sociologia**. Tradução de Gabriel Cohn. São Paulo: Ática, 1986b. (Coleção Grandes Cientistas Sociais) p. 188-200.
- _____. Observações sobre o pensamento filosófico. In: **Palavras e Sinais – Modelos Teóricos II**. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópoles: Vozes, 1995b. p. 15-25.
- _____. Sobre sujeito e objeto. In: **Palavras e Sinais – Modelos Teóricos II**. Tradução de Maria Helena Ruschel. Petrópoles: Vozes, 1995a. p. 181-201.

_____. **A atualidade da filosofia.** Tradução de Bruno Pucci e Newtom Ramos de Oliveira. Disponível em: <<http://adorno.planetaclix.pt/tadorno3.htm>>. Acesso em: 22 de agosto 2010, 14h09min.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento.** Tradução de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ALMEIDA, Jorge de. Nota do tradutor. In: **Notas de Literatura.** São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003. p. 7-9.

BARBOSA, Ricardo. O ensaio como forma de uma filosofia última – Sobre T. W. Adorno. In: PESSOA, Fernando. (Org.) **Arte no pensamento.** Vila Velha: Museu Vale do Rio Doce, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Do conceito de razão em Adorno. In: **Sete aulas sobre linguagem, memória e história.** Rio de Janeiro: Imago, 2005b. 2. ed. p. 105-120.

_____. Do conceito de *Darstellung* em Walter Benjamin. **Kriterion – Revista de Filosofia.** Belo Horizonte, n. 112, p. 183-190, dez. 2005a.

WIGGERSHAUS, Rolf. **A escola de Frankfurt:** história, desenvolvimento teórico, significação política. Tradução de Vera de Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

